

## O COTIDIANO DAS ESCOLAS QUANTO À ÉTICA E OUTROS TEMAS TRANSVERSAIS

### *SCHOOL ROUTINE RELATED TO ETHICS AND OTHER TRANSVERSAL THEMES*

Nympha Aparecida Alvarenga SIPAVICIUS<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é efetuar análise crítica de relatórios de pesquisa, artigos científicos, livros, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado ou outros textos, relacionados com o tema, disponíveis para consulta nas bibliotecas de universidades sediadas no município de São Paulo, mantenedoras de cursos de pós-graduação na área de Educação, reconhecidos pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O exame da literatura revelou poucos textos alusivos especificamente ao tema sob exame neste trabalho. Destes, um número ainda mais reduzido mergulhou no cotidiano das escolas para efetuar a articulação teoria-prática e cuidou da questão curricular nas ligações com os Temas Transversais e com o tema Ética em particular.

**Palavras-chave:** Ética; Temas Transversais; Cotidiano Escolar.

**Abstract:** This work aims to critically analyze scientific papers, books, monographies, Phd and masters theses and other texts related to the theme, available in the libraries of universities which have graduate studies acknowledged by CAPES. The analysis showed that there are few texts specifically related to the theme. Among these texts, very few really considered the daily routine at school, putting theory into practice and taking into consideration curriculum questions linked to ethics and other transversal themes

**Keywords:** Ethics; Transversal Themes; Schools Routine.

## INTRODUÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais defendem a perspectiva da transversalidade para o tratamento de temas como Ética, Saúde, Meio Ambiente, Educação Sexual e Pluralidade Cultural. Essa é uma perspectiva diferente da usualmente tomada quanto a estes temas, geralmente inseridos em uma ou poucas disciplinas específicas. No que diz respeito à Ética ela já foi objeto de disciplina

específica, sendo trabalhada dentro dos programas da disciplina Filosofia.

Os problemas éticos assumem cada vez maior relevância na educação das crianças e jovens, razão pela qual torna-se oportuno verificar como as escolas preferem tratar desse assunto, como reagem às propostas dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), como as entendem, como e se as aplicam.

1- Doutoranda e Mestranda em Psicologia Educacional, Professora Associada da USP (Universidade de São Paulo).

O objetivo deste trabalho é efetuar análise crítica de relatórios de pesquisa, artigos científicos, livros, monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado ou outros textos, disponíveis para consulta nas bibliotecas de universidades sediadas no município de São Paulo, mantenedoras de cursos de pós-graduação na área de Educação, reconhecidos pela CAPES, relacionados com a verificação de como, no cotidiano das escolas, os temas transversais estão inseridos e sendo trabalhados, com foco sobretudo no tema Ética.

### **ESTUDOS ANTERIORES DESENVOLVIDOS SOBRE O TEMA NA UNG**

Pode-se mencionar duas pesquisas anteriores, a saber: "Concepções éticas e sobre democracia de alunos de 8<sup>as</sup>. séries de primeiro grau e de 3<sup>as</sup>. séries de segundo grau e a influência dos professores" e "A influência dos professores nas concepções sobre democracia de alunos do ensino fundamental e médio no município de Guarulhos". Também deve ser mencionada uma terceira pesquisa, esta mais específica sobre o tema, a saber: "Transversalidade em educação, o tema transversal Ética na visão de diretores, coordenadores pedagógicos e professores do ensino básico estadual no município de Guarulhos", cujos resultados apontaram: a maioria conhece os PCN e os Temas Transversais e vê neles pontos positivos, como a atualidade, ligação com o cotidiano, uso de projetos, possibilidade de interdisciplinaridade, trabalho conjunto dos professores, formas prazerosas e interessantes de trabalhar para os alunos. Entre os pontos negativos destacaram-se: a complexidade dos temas, as dificuldades práticas para a integração dos professores e envolvimento das famílias e comunidade, bem como falta de orientação, de verbas, tempo, etc.

A forma de trabalho das escolas, com os temas éticos, privilegia: filmes, eventos e projetos especiais.

Foram considerados como valores importantes: o amor, a solidariedade, a amizade, a cidadania, o respeito, a auto-estima, o raciocínio crítico.

No trabalho docente propriamente dito houve maior número de alternativas privilegiando a mediação pedagógica, a intervenção no cotidiano, baseada na vivência e discussão dos valores.

No entanto a pesquisa acima relatada não entrou no cotidiano das escolas e só foi respondida por cerca de 50% dos profissionais de ensino das escolas, tornando-se pois necessários novos estudos, com outras abordagens, para obter-se um retrato mais acurado do real.

### **RESULTADOS OBTIDOS NA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

O tema Ética foi objeto de estudo de muitas publicações, na sua maioria não relacionadas à Educação, escola ou cotidiano escolar, pois relativas ao Direito, Economia, Medicina, Enfermagem, Engenharia etc. Nesse trabalho, delimitou-se a procura nos temas relacionados à educação e ao cotidiano escolar, bem como em textos de 1998 ou posteriores.

Dos textos encontrados, poucos serão apresentados, a seguir, de forma bastante resumida.

Barros (1998), em sua monografia, apresentou uma breve retrospectiva da história da educação no Brasil, e considerações sobre o desenvolvimento do juízo moral na criança, bem como sobre a dimensão ética do educador dentro de uma visão psicopedagógica. Dissertou ainda sobre um exercício da ética e um plano de ação psicopedagógico. No seu texto resume o pensamento de Piaget sobre o desenvolvimento moral, comparando com o pensamento de Kant e com os estágios de

desenvolvimento de Kohlberg. Apoia-se nos livros de La Taille. Em seguida faz um paralelo com a atuação psicopedagógica dentro da escola.

Menciona ainda Alicia Fernández, Pedro Demo, Paulo Freire, Rios (1995), Mello (1982), Gadotti (1987). Discute o papel do psicopedagogo dentro da instituição escolar, apoiando-se com Bossa (1994), Fagali (1993) e Neide Noffs (1996) e apresenta um pouco da história de vida da autora, com sua experiência numa escola particular do interior do Estado de São Paulo, com terreno próprio e área verde de 10.000m<sup>2</sup>.

A proposta educacional consistia em educação para a cidadania, tendo como metas a cooperação, a autonomia, o senso crítico e a criatividade. Houve um começo de assessoria por uma escola construtivista de Sorocaba, que não prosseguiu por problemas financeiros. Foram relatados problemas de desarticulação entre a teoria e a prática e os vários trabalhos desenvolvidos para tentar superar o problema, bem como expostos um exercício da Ética e um plano de ação psicopedagógico.

Aquino (1998) afirma que a escola brasileira atual acabou se transformando num lugar ineficaz, maçante, supérfluo, que não consegue fazer valer aquilo a que se propõe como instituição, e que diante das dificuldades que vão se apresentando no dia-a-dia, professores culpam os alunos, que culpam os professores, que culpam os pais, que culpam os professores, e assim por diante, instaurando um círculo vicioso e improdutivo de atribuição de responsabilidade a um outro segmento envolvido. Comenta que da década de 1960 aos dias atuais, novas funções foram paulatinamente delegadas ao professor, desnaturalizando o campo pedagógico tradicional, redefinindo suas fronteiras, diluindo seus contornos clássicos. O movimento escolanovista legou uma meta psicológico-

desenvolvimentista; o tecnicista, uma perspectiva utilitarista, do ensino como qualificação para a vida profissional; o crítico-reprodutivista, uma concepção de educação como fomentação da consciência crítica. Por isso o enfrentamento teórico direcionado aos meandros do *cotidiano escolar* parte de temáticas que subjazem ao dia-a-dia, promovendo um saber sobre a escola a partir do seu interior, seus clamores, e nele o ofício docente comporta três dimensões: *o que ensinar* (especialidade dos conteúdos), *o como ensinar* (de cunho didático metodológico) e *o para que ensinar* (de natureza ética).

Caporali (1999) considera que a violência e o desrespeito não são privilégios das escolas das *classes inferiores* e que o problema ultrapassa o componente sócio-econômico. O fato, que mesmo entre ricos e pobres se constatem faces semelhantes de anomia moral, sugere tratar-se de um problema de fundo, um problema de alcance, histórico, talvez do próprio gênero humano. Afirma ainda que há dois campos: 1) o do domínio individual, cujos conceitos básicos são as *virtudes humanas*, a justiça, a prudência, a coragem, a perseverança, a compaixão, a generosidade, a fidelidade, a gratidão, a tolerância, a pureza, a boa-fé, o humor, o amor, a elas correspondendo as deficiências, fraquezas do caráter; 2) o dos problemas do domínio público, a *cidadania*, com as temáticas dos *direitos e deveres do cidadão*. O papel da escola "será proporcionar ao jovem conceitos que permitam problematizar seu próprio comportamento, avaliar a qualidade de suas ações, das ações alheias." A cidadania só poderá ser efetivamente construída, se, ao lado da reivindicação dos direitos se colocar o terreno dos deveres do cidadão.

Alerta, com relação ao ensino de ética, para o conflito potencial, pela inexistência, salvo sobre raros pontos extremos, de consenso sobre problemas éticos.

Concorda com a proposta do MEC de colocar a temática ética como um dos Temas Transversais, a ser explorada a partir das possibilidades abertas pelos diversos conteúdos curriculares, mediante discussões coletivas sobre problemas reais ou hipotéticos, inclusive de temas de novelas ou de outros programas televisivos.

O cotidiano escolar foi abordado por Betoni (2001), porém não do ponto de vista ético, mas do de suporte epistemológico. Em sua pesquisa, partiu da hipótese de que a crença na epistemologia empirista fundamenta uma prática pedagógica que não leva em consideração as concepções prévias dos alunos. Como metodologia usou entrevistas com cinco questões objetivas e duas questões discursivas. Sua amostra foi de professores do ensino médio e educação profissional do Colégio Salesiano *Don Henrique Mourão*, da cidade de Lins. Com base nos resultados obtidos a autora concluiu pela confirmação de sua hipótese inicial. Seu estudo confirma a persistência das práticas docentes calcadas na aula expositiva, apesar do discurso construtivista.

Ainda em 2001, Menin defendeu sua tese de doutorado, cujo tema está mais diretamente relacionado ao do interesse deste trabalho. Nela discute várias correntes e pensamentos, mas detém-se particularmente em Nietzsche, sob cuja inspiração, bem como de Deleuze e Guattari, raciocina se a vida infeliz dos professores, decorrente da desvalorização da educação poderia prejudicar os alunos. Para estudar seu tema, busca uma escola diferenciada, com um trabalho diferenciado e pelo qual é prestigiada. A escola escolhida, 'Alex', como é chamada por todos, é uma instituição bastante cuidada pelos alunos e moradores do bairro (a despeito de outras quatro escolas vizinhas estarem depredadas). Uma escola com boas relações com a vizinhança, querida por seus alunos, professores e funcionários.

A relação do diretor com os funcionários foi considerada tranqüila e com os professores um pouco mais formal, embora igualmente tranqüila..... Durante a tarde, ele costuma fazer uma 'ronda', como diz, por aproximadamente meia hora, pela vizinhança. Ele anda pelas ruas, toma um café num boteco, sempre conversando com todos, sendo cumprimentado por todos, conseguindo através disso até mesmo o respeito de adolescentes que mexiam com tráfico de drogas no morro vizinho.

No entanto, a despeito dos discursos libertários de reuniões pedagógicas, o jeito de trabalhar da maioria dos professores é coerente com os moldes da pedagogia tradicional, com carteiras enfileiradas e mantendo a ordem e a disciplina, porque senão vira bagunça.

O professor Valdemar não se intromete diretamente no trabalho dos professores, salvo nas reuniões pedagógicas, quando tenta convencer os professores mais tradicionais a terem uma postura diferente e quando solicitam sua ajuda.

Os funcionários tem importância na vida da escola, mas, mesmo convidados, só participam quando o assunto tem a ver diretamente com eles. Mesmo assim, depois dos intercessores, parecem o grupo mais entusiasmado da escola.

Os alunos não tinham grande participação, mas os que sugeriam atividades as faziam. Houve unanimidade na aprovação da escola entre os alunos.

As relações da escola com vizinhança e mães de alunos foram semelhantes a estudos anteriores sobre o assunto nos quais a passividade das mães era um fato e sua participação no cotidiano da escola era vista de modo assistencialista, a despeito da vontade do diretor de mudar a ordem das coisas.

A escola contava ainda com a colaboração de pessoas e instituições externas à mesma, denominadas Ets (extra-terrestres), como alunos da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), o autor, Ongs (Organizações Não Governamentais) variadas etc.

O autor conclui que “nesse sentido, a idéia da utopia de uma escola pública de qualidade pareceu possível, não como um modelo a ser seguido, mas como verdadeiramente um não-lugar: ainda não criado por ser sua criação renovada a cada alvorecer”. (Menin, 2004, p.100).

Em novembro de 2001, a Estação Ciência e o CEPECA, Centro de Estudos e Pesquisa da Criança e do Adolescente realizaram um encontro com especialistas de diversas áreas do saber, para falar da inclusão social, pressupondo como uma das possibilidades dessa inclusão, a ciência e o conhecimento científico. Desse encontro resultou uma publicação, organizada por Matos, 2002, da qual foram retirados vários textos de alguma pertinência ao tema de ética, cotidiano escolar e temas transversais abordado neste trabalho. Assim, Cipriano, participando de um mesa redonda, na qualidade de professora da Faculdade de Educação da PUC-SP e, à época da mesa-redonda, novembro de 2001, Diretora de Orientação Técnica da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo mencionou vários autores, com destaque para Paulo Freire, Celestin Freinet, Edgar Morin e Terezinha Carraher. Ela apontou o hiato entre a legislação avançada e a prática e defendeu a necessidade de um plano municipal de educação, tomando como eixos, como diretrizes a democratização do conhecimento e a construção da qualidade social da educação. Afirmou que a qualidade será buscada no Movimento de Reorientação Curricular, baseando-se em Miguel Arroyo, e na necessidade de formação permanente e de repensar a avaliação. Fez ainda menção aos NAE (Núcleos de Ação Educativa) e sua contraposição às anti-

gas Delegacias de Ensino, bem como aos GAE (Grupos de Ação Educativa), pólos de 5 ou 6 escolas que se organizam para compartilhar experiências, ações etc.

No mesmo encontro, Plonski, 2002, discute o acesso à ciência como requisito ético e social para o desenvolvimento humano, centrado em três vetores estruturantes da sociedade contemporânea: valores, conhecimento e sustentabilidade. Comenta que a motivação pela maior ética parece decorrer apenas em parte da convicção pessoal das elites. O fator principal é o interesse de garantir níveis mínimos de previsibilidade de comportamento dos atores sociais, que reduzam significativamente os custos de transações na sociedade. Declara estar convencido que a renovação passa por explicitar as dimensões éticas e por sublinhar as questões sociais na produção e utilização de várias tecnologias. E conclui, parafraseando um trecho do documento da conferência de Budapeste, destacando que a igualdade no acesso à ciência não é apenas um requisito social e ético para o desenvolvimento humano, mas também uma necessidade de desenvolver o pleno potencial científico das comunidades de todo o mundo. É um requisito para orientar o progresso científico em direção à satisfação das necessidades da humanidade.

Também no encontro mencionado, Rios (2002) procura definir, discutir e estabelecer relações entre os conceitos de Ética, Ciência e Reflexão Filosófica, inclui a cidadania e conclui afirmando que a ciência leva os seres humanos a conhecer de modo sistemático e organizado a realidade. Instrumentaliza-os no sentido de ampliar, construir e reconstruir incessantemente o mundo. É um desafio que se coloca para os educadores levar o conhecimento científico à escola de maneira que ele possa trazer a contribuição à inclusão. A escola é um espaço no qual se socializam valores e saberes, com o objetivo exatamente de colaborar na construção da cidadania. Para que isso se concretize efetivamente, há que se contar com a presença da ética.

Segundo Rios (2002), a ética é um elemento importante na formação do professor, mas não convertida em uma disciplina. Nas propostas oficiais de organização curricular para o ensino básico, ela aparece como um tema transversal, isto é, que *atravessa* o trabalho das diversas disciplinas. Na formação de professores, o que deve haver é espaço para o desenvolvimento de uma atitude crítica, espaço que pode – e deve – ser encontrado em qualquer uma das disciplinas, ou mais especificamente na filosofia da educação, na psicologia, na sociologia. O que importa não é necessariamente a denominação, mas o objetivo a que se propõe. Se não se levar em conta a dimensão ética do trabalho de todos os professores, efetivamente a escola falhará na socialização, na partilha de saberes e valores. Na verdade é através da atitude mesmo do professor, da forma como ele se relaciona com os seus alunos e traz a eles o conhecimento que se revelam os valores.

Graças ao trabalho da ciência – e o dos educadores/pesquisadores na escola – descobrem-se e aprimoram-se formas mais complexas e aprimoradas de viver. A pergunta que desafia, eticamente, é a da utilização do conhecimento científico para a criação de um mundo feliz, de uma vida boa. Outra contribuição ao tema ética, no livro organizado por Matos (2002) é a de Araújo (2002, p.153-162). O autor afirma que a educação possui dois objetivos centrais, instruir e formar, que estão declarados em todos os projetos político-pedagógicos, quer das escolas públicas quer das particulares. No entanto, na sua experiência profissional tem constatado preocupação e atuação apenas no eixo da instrução.

De acordo com Araújo (2002), o ensino das disciplinas tradicionais dá continuidade ao currículo montado 2000 anos atrás, pela civilização grega, destinado à minoria grega, masculina livre, com exclusão de to-

dos os demais (mulheres, escravos e estrangeiros), que deve ser alterado, pois a realidade atual é muito diferente da grega antiga.

Ainda segundo Araújo (2002), um fator que contribui para o quadro apontado é a influência nefasta do vestibular, que determina o que é de fato ensinado nas escolas e exerce um efeito regressivo em toda a programação: o 3º ano cobra do 2º, que cobra do 1º, que cobra do 8º e assim por diante.

Historicamente a formação moral ficou a cargo das famílias e das igrejas. Como as condições de vida atuais obrigam ambos os pais a se ausentarem, essa formação na prática fica relegada à televisão, aos amigos etc., exigindo-se, pois que a escola realmente passe a se ocupar com parte dessa formação.

O autor acrescenta que, dentro de conceitos mais amplos, para que a pessoa exerça de fato a sua cidadania, ela precisa ter determinadas competências que vão além do conhecimento de leis e regras das instituições sociais. É necessário almejar a formação e a construção de *personalidades morais*, de pessoas que buscam a felicidade e o *Bem* pessoal e coletivo por meio das virtudes e não de qualquer maneira. A matriz de tais idéias é a ética aristotélica, entendida como sendo *a busca virtuosa da felicidade, do Bem*. Estes sujeitos precisam construir sua personalidade moral e a excelência ética a partir de determinados valores e virtudes éticos desejados pela cultura em que vivem.

Baseado em Piaget, Araújo (2002) afirma que os valores são construídos a partir da projeção de sentimentos positivos que o sujeito faz sobre objetos, e/ou pessoas e/ou relações e/ou sobre si mesmo. Dá vários exemplos: da criança cuidada amorosamente pela mãe, que passa a ter valor positivo para ela; da criança valorizada na escola, a qual assume valor positivo e daquela humilhada na escola, passando a valorizá-la negativamente ou não valorizá-la. Considera

ainda que do ponto de vista psicológico, é possível construir valores que não sejam morais. Assim é que o alvo das projeções afetivas positivas de uma pessoa pode ser o traficante de drogas, as formas violentas de resolução de conflitos, os espaços autoritários. Se comportamentos como assassinato, prostituição, corrupção forem apresentados em linguagens interessantes, como a da televisão, da Internet e dos videogames, e apresentados como formas legítimas para atingir os objetivos de consumo alimentados pelos jovens de hoje, aumentará a probabilidade de se tornarem alvo de suas projeções afetivas positivas e serem por eles valoradas.

Araújo (2002) comprovou em seu trabalho que os sentimentos chamados de morais, como a vergonha, a culpa e o remorso, aparecem (ou são sentidos) quando se age e/ou pensa contrariando os valores centrais da identidade. Neste sentido atuam regulando o funcionamento psíquico. Assim, existem pessoas que têm vergonha de um ato desonesto, mas não têm vergonha de serem pobres, porque ter dinheiro, status social, etc. não são centrais em suas identidades. O importante para elas é serem honestas. Tem pessoas, por outro lado, para quem o importante é ter dinheiro, é andar bem vestido, é ter beleza física. Se precisarem matar para isso, inclusive, elas não se incomodam. Elas têm vergonha de não ter um carro, de ser feio. Sentem-se incomodadas quando se imaginam feias ou por terem de andar de ônibus, por exemplo. O autor imagina que se o trabalho com valores for feito de uma maneira chata, maçante, como se ensinam os conteúdos tradicionalmente nas escolas (decorando a tabuada, o ba-be-bi-bo-bu, lotando a lousa de conteúdos a serem copiados etc.) é mínima a probabilidade de que um aluno projete sentimentos positivos sobre tais conteúdos éticos. Assim é preciso incorporar as novas tecnologias e recursos metodológicos mais dinâmicos e dialógicos. Reconhece a existência de um relativismo radical de valores e su-

gere a incorporação nos currículos escolares do estudo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, cujos 30 artigos, escritos e endossados pela comunidade internacional e promulgados há 54 anos apresentam princípios e valores éticos que podem ser chamados de *universalmente desejáveis*. Nela há um excelente material para o trabalho com a inclusão social e científica. Ao tratar dos direitos e deveres desejáveis para a humanidade, os artigos abordam princípios como os direitos à vida, à inclusão social e econômica, à educação, à dignidade em suas mais variadas formas e à participação na vida política e cultural.

Ainda segundo Araújo, não seria viável nem desejável que esses temas fossem tratados numa disciplina a mais, por um professor a mais, pois fragmentaria novamente o conhecimento. O ideal é que tais conteúdos sejam discutidos em conexão com os conteúdos específicos de cada área, por exemplo em Ciências e Biologia o tema Nutrição se encaixaria na discussão do Direito à Vida. A forma deve ser dialógica é dinâmica, para envolver os alunos e ampliar as probabilidades de que se tornem valores para eles.

Até aqui foram selecionados alguns textos publicados por Matos, 2002, referentes a um encontro realizado de 07 a 10 de novembro de 2001, a **6ª Mostra de Material de Divulgação e Ensino de Ciências**. No mesmo ano, 2001, Araújo publicou outro livro, com idéias bastante semelhantes às da sua fala no encontro, acima resumida. Nele, após historiar o processo de formação de valores na sociedade capitalista ocidental, comenta que é interessante notar que o rompimento com a forma autoritária de imposição de valores e a decorrente relativização destes poderiam ter conduzido ao esperado respeito à diversidade, mas não é o que se tem observado.

Na opinião de Araújo (2001) a construção de relações sociais mais justas, solidárias e democráticas, que respeitem as diferenças físicas, psíquicas, ideológicas, cultu-

rais e socioeconômicas de seus membros, não passa pelo *resgate* de valores passados tradicionais, pelas razões já enunciadas. Outrossim, ela passa necessariamente, pela incorporação, nas práticas cotidianas, de princípios e valores já conhecidos, mas que nunca foram de fato consolidados por nenhuma cultura, como os que foram consagrados em 1948 na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Ela parte da premissa de que existem valores universalmente desejáveis, que permite a sistematização de alguns valores que valham para a maioria das culturas (ou pelo menos para as culturas mais complexas), sem perder, ao mesmo tempo, a referência de que existem limites para essa universalização, enfatizando que os valores próprios de cada cultura devem ser respeitados e assumidos como tais. Apresenta, com a colaboração de outros autores, orientações didáticas sugeridas para o trabalho com cada um dos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Alerta que a maioria delas teve como ponto de partida a teoria e as técnicas propostas pelo professor catalão Josep Maria Puig, publicadas no livro *Ética e valores: métodos para um ensino transversal* (Casa do Psicólogo, 1998) cujos pressupostos básicos são a reflexão e o diálogo sobre conteúdos e conflitos de natureza ética.

Em 2003, Gottardo em sua dissertação de mestrado teve por objetivo investigar se a Educação Ambiental foi contemplada na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo analisando os programas e propostas desenvolvidas no período de 1997 a 2000. Buscou atingir tal objetivo através da realização de uma pesquisa teórica e documental, contextualizada nos aspectos político-administrativos da Administração Municipal no decorrer desse período. ]

A pesquisa permitiu concluir pela necessidade de reflexão crítica e maior aprofundamento teórico nos projetos de Educação Ambiental desenvolvidos por essa Se-

cretaria Municipal, bem como pela promoção de formação continuada para todos os atores envolvidos no processo educativo.

O estudo destacou ainda que a Política Educacional da Secretaria Municipal de Educação poderá fazer da Educação Ambiental um instrumento de transformação individual e coletiva, em condições de levar os educadores e educandos a interferirem no mundo globalizado em que vivemos, com vista à construção de uma sociedade sustentável, apoiando-se na teoria de que o conteúdo da Educação Ambiental terá maior eficácia se for trabalhado, com enfoque interdisciplinar, no processo ensino-aprendizagem.

Ainda em 2003, Viana realizou em sua monografia uma pesquisa bibliográfica para refletir sobre o que a educação propõe na legislação no que se refere à construção da cidadania., com bases teóricas em Chauí (1995), na legislação (Constituição Federal de 1988 e lei 9394/96), bem como em Garrido; Morin; Boff (1997), Vasquez (1978), Roizman (s.d.), Teles (1992), Dalai Lama (2000), Paulo Freire (2002).

Também em 2003, Scaranello elaborou sua monografia com o objetivo de mostrar que a educação de valores humanos universais como forma de diminuir conflitos e atitudes agressivas interpessoais entre os alunos melhora a aprendizagem, freqüência e diminui a violência. Nela relata seu trabalho com seus alunos, que, embora idênticos aos demais da escola, são considerados pelos colegas professores como calmos e bem comportados, características atribuídas pela autora ao seu tipo de trabalho, baseado no respeito existente na relação professor e aluno, que estará sendo o suporte do surgimento dos demais valores básicos nos relacionamentos, gerando principalmente a autonomia e independência, criticidade e auto-estima, com maior afetividade para com os demais do grupo. A autora considera que os adultos e edu-

cadres nem sempre ouvem a criança e dão importância aos significados de sua fala. Com isso, depreciam a capacidade de pensar e rompem um elo fundamental na formação da personalidade.

Segundo Scaranello alguns professores elaboram projetos curtos, com começo, meio e fim, com textos reflexivos, jogos cooperativos e outros, para tratar de problemas éticos, de violência e indisciplina apresentados na sala de aula. Ao comentarem os resultados dizem que não atingiram os objetivos e culpam os alunos. Sua proposta é diferente e não tem prazo definido. Os valores humanos são o eixo vertebrador do currículo escolar, vinculado às demais disciplinas e conteúdos, com a possibilidade de reflexão diária sobre os problemas de relacionamento no cotidiano. Por exemplo, num trabalho que deveria ser feito em grupo, os alunos na verdade justapuseram trabalhos feitos individualmente. A reflexão posterior permitiu superar o individualismo. Seus alunos estavam na faixa etária de 8 a 9 anos. Eram moradores de apartamento, sem espaço para brincar e ficavam sozinhos a maior parte do tempo, não tinham limites no comportamento, não cumprindo as regras, desrespeitando a todos e a si mesmos, gerando grandes conflitos de convivência.

Na sua atuação havia dois momentos, o primeiro consistia na frase do dia e o segundo em relaxamento. Seus objetivos eram desenvolver nos alunos as capacidades de avaliar as ações pessoais e coletivas numa visão positiva e de elevação da auto-estima, possibilitando melhor convivência nas relações em grupo e individuais; estimular a prática de valores universais, percebendo que todos pertencem a uma grande família – a humanidade.

Scaranello conclui que o fato de os alunos questionarem a forma como são tratados pelos outros, observarem as próprias

atitudes e as dos demais, de forma crítica e construtiva, modifica suas referências e são de grande valia.

### Em 2004, Silva lança seu livro **Ética, Indisciplina & Violência nas escolas.**

O autor pretende responder às angustiantes questões a respeito da indisciplina e da violência nas escolas.

Inicia pela definição: " O termo *indisciplina* quase sempre é empregado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras, às normas e às leis estabelecidas por uma organização." ( SILVA, 2004, p.21). *Ética* é definida nos PCN como *reflexão sobre a moral*. Etimologicamente, tanto ética como moral se referem a costume, e o autor considera como sinônimos, pois dizem respeito à busca da felicidade coletiva e individual.

Justifica seu estudo, relacionando indisciplina, ética e violência nas escolas, pelo aumento que a indisciplina, na sua maior expressão, a violência, vem apresentando nos tempos atuais.

Entre as causas mais amplas que apresenta para o fenômeno estudado, destacam-se: a morte ou relativização dos valores morais, sobretudo a partir da década de 1960, por uma leitura equivocada do movimento da contracultura norte-americana; a divulgação distorcida do saber psicológico, tanto de Freud como de Piaget; a passagem de um modelo de sociedade adultocêntrico para um modelo centrado nas demandas das crianças e dos adolescentes; a situação política e econômica do país; a influência dos meios de comunicação de massa; o aumento exorbitante da violência real e da virtual e finalmente a crise de valores na sociedade.

O autor elenca ainda razões ligadas à política educacional implantada a partir da década de 1960: o aumento quantitativo de

vagas no ensino público, levando o magistério a lidar com uma população diferente e para a qual não estava preparado; a falência das formas tradicionais de se impor disciplina; a crise em relação aos objetivos da educação formal e a formação profissional e as condições materiais e psíquicas para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem.

Ao discutir o problema da violência e da indisciplina nas escolas, resume o pensamento de Piaget sobre o desenvolvimento moral; analisa as contribuições de Mezan (1992), quando discorre sobre o pensamento psicanalítico em suas várias vertentes e finalmente apresenta a perspectiva dos valores, que não é oposta às anteriores, mas sim complementar, representada por La Taille (1992,1996 a, 1996 b, 1997, 1998 a, 2000).

Discorre sobre vários estudos realizados com o propósito de investigar variáveis psicológicas que comandam o desenvolvimento e demonstram que a imagem feita de nós mesmos constitui um valor a ser mantido, pois é visto como uma *imagem positiva de si*.

Finalmente o autor sugere algumas soluções para minimizar os problemas, alertando contudo para o fato de que eles sempre ocorrerão, e também que é mais fácil propor do que executar. Soluções:

- substituir a cultura da culpa pela da responsabilidade;
- oferecer de condições para a conscientização de todos os envolvidos;
- democratizar das relações escolares;
- deixar de ver o aluno indisciplinado e violento como problema;

- orientar pedagógica, psicopedagógica e psicologicamente;
- conceber e concretizar a educação como fator de desenvolvimento;
- ter a dignidade do ser humano como parâmetro educativo;
- articular os conteúdos tradicionais à vida;
- substituir o uso de punições expiatórias pelas sanções por reciprocidade;
- abolir qualquer forma de humilhação; e
- priorizar os valores morais e éticos.

Finalizando, um outro autor, Souza (2004) pesquisa, em sua tese de doutorado, as interações como favorecedoras ou não da construção e/ou manutenção de valores positivos, atrelados às representações que os atores do espaço escolar têm de si.

Seu "lócus" é a escola, entendida como espaço em que se empreendem as práticas sociais de que tomam parte os diferentes atores que a habitam.

O método usado utilizado insere-se no paradigma da pesquisa qualitativa e constitui-se da narração de cenas do cotidiano escolar, elaboradas a partir de observações e gravações em cassete de interações empreendidas entre os diferentes atores presentes na escola: alunos, professores, coordenadora e representantes do sistema de ensino, e entre esses atores e a pesquisadora. As categorias de análise foram construídas a partir da relação da pesquisadora com o contexto da pesquisa e com os enfoques teóricos que sustentam a problemática das interações e dos valores. Em relação aos enfoques teóricos, a psicologia sócio-histórica, representada por Vigotski e seus seguidores e Yves de

La Taille, com seus estudos e pesquisas sobre a gênese dos valores morais, constituem-se como base de sustentação para as acepções formuladas ao longo da análise. Por tratarem-se de enfoques teóricos diferentes, procedeu-se a uma articulação de conceitos e acepções, que intentam sustentar algumas das interpretações.

A conclusão apresenta as qualidades de interações que favorecem ou não a construção de valores, e afirma haver interações mais favorecedoras dessa construção, tais como as que investem no que o outro tem de melhor, crêem na capacidade do outro "a priori", têm direção, compromisso e organização. Há, no entanto, interações mais desfavorecedoras da construção e/ou manutenção de valores positivos, como as que se caracterizam pela indiferença, descompromisso e omissão. Em se tratando da escola, como organização burocrática que porta o institucional, a autoridade, na qualidade das relações que têm como característica a assimetria, o respeito e a responsabilidade constituem-se condição para a construção de valores morais. Apresenta, ainda, a relação entre os valores morais e não morais em seu processo constitutivo da identidade e da vergonha não moral como força motivacional para a resistência dos educadores às novas práticas e/ou à mudança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame da literatura localizada nas bibliotecas das universidades com mestrado reconhecido pela CAPES na área de Educação no município de São Paulo USP (Universidade de São Paulo), PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), UPM (Universidade Presbiteriana Mackenzie), UNINOVE (Centro Universitário Nove de Julho – São Paulo), UNICID (Universidade Cidade de São Paulo) e UNIMARCO (Universidade São Marcos) desvelou poucos textos alusivos especificamente ao tema sob exame neste trabalho. Destes, um número ainda mais redu-

zido mergulhou no cotidiano das escolas para efetuar a articulação teoria-prática e nenhum cuidou da questão curricular nas ligações com os Temas Transversais e com o tema Ética em particular.

A relevância da formação ética das novas gerações foi postulada por todos os textos examinados, No entanto, é fundamental o estudo do tema, no cotidiano escolar e numa amostra de escolas que abranja, de forma mais ampla, significativa e representativa o universo de escolas brasileiras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Júlio Groppa (org.). 2001. *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus. 1998.
- ARAÚJO, Ulisses F., AQUINO, Júlio Groppa. 2001. *Os direitos humanos na sala de aula: A Ética como Tema Transversal*. São Paulo: Editora Moderna.
- ARAÚJO, Ulisses F. 2002. Democracia, Cidadania e Educação em Direitos Humanos. In: MATOS, Cauê. *Ciência e Inclusão Social*. São Paulo: Terceira Margem.
- BARROS, Vânia Cláudia de Felício Monteiro de. 1998. *A investigação ética na escola: um instrumento a ser pensado dentro de uma perspectiva psicopedagógica*. Monografia, São Paulo: PUC-SP.
- BETONI, Terezinha Maria Canno. 2001. *O cotidiano do professor: suporte epistemológico e prática pedagógica*. Dissertação de Mestrado. Marília, SP: UNESP.
- CAPORALI, Renato. 1999. *Ética & Educação*. Rio de Janeiro: Gryphus.
- CIPRIANO, Emília. 2002. Ética, solidariedade e Educação para a Prática Social. In MATOS, Cauê (org.) *Ciência e Inclusão Social*. São Paulo: Estação Ciência: Terceira Margem, p. 99-108.
- GOTTARDO, Rose Mary dos Santos. 2003. *A educação ambiental no contexto da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo: um estudo de caso do período de 1997 a 2000*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Universidade Presbiteriana Mackenzie.

MENIN, Pedro Augusto Hercks. 2001. *A escola da Ética: Educação, Produção de Subjetividade e Cidadania*. Tese de doutorado. São Paulo: USP.

PLONSKI, Guilherme. 2002. Acesso à Ciência – Requisito ético e social para o desenvolvimento humano. In: MATOS, Cauê (Org.) *Ciência e Inclusão Social*. São Paulo: Terceira Margem, p. 139-142.

RIOS, Terezinha Azêredo. 2002. Ética, ciência e inclusão social. In: MATOS, Cauê (Org.) *Ciência e Inclusão Social*. São Paulo: Terceira Margem, p. 143-151.

SILVA, Nelson Pedro. 2004. *Ética, Indisciplina & Violência nas escolas*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan. 2004. *A interação na escola e seus significados e sentidos na formação de valores: um estudo sobre o cotidiano escolar*. Doutorado em Psicologia da Educação. São Paulo: PUCSP.

VIANA, Gisebete Mendes. 2003. *Educação e Cidadania: um novo cidadão*. Monografia. São Paulo: PUCSP.